

denominação
Fazenda Santo Inácio

código
AIII - FO6 - RF

localização
Rodovia RJ-145, distrito-sede

município
Rio das Flores

época de construção
séc. XIX

detalhamento do estado de conservação
no corpo da ficha

uso atual / original
residencial / fazenda de café

proteção existente / proposta
nenhuma / tombamento

proprietário
particular



situação e ambiência

A paisagem de fundo, que compõe a ambiência local, é constituída por morros do tipo meia laranja, praticamente isentos de quaisquer vestígios de vegetação de porte mais desenvolvido.

A estrada para a fazenda é perpendicular à rodovia RJ-145, logo após o pórtico de entrada da cidade de Rio das Flores (RJ). Seu calçamento é de terra, com a propriedade distando cerca de 500m da rodovia. Chega-se à casa-sede através da via à direita da encruzilhada que, próxima à casa, tem piso asfaltado, conservando uma faixa perpendicular em pedra lavrada, que pode ser resquício de um antigo acesso (f.04).



01



02



08

coordenador / data
equipe
histórico

Branca R. Figueira e Annibal Affonso M. da Silva - nov 2007
Mauro Reis e Rita de Fátima
Adriano Novaes

revisão / data
Alberto Taveira - fev 2008

O conjunto foi implantado perpendicularmente à topografia do terreno, determinando, assim, um porão habitável e níveis escalonados de acesso à casa-sede (f.17). Após o solar, o terreno apresenta declive acentuado correndo abaixo um pequeno riacho, em cuja área limítrofe existem pequenas construções e artefatos de um antigo moinho, que, provavelmente, deveria ser tocado pela água canalizada em canaletas que corta o pátio central da propriedade (f.09).

A casa-sede está localizada à esquerda, num patamar mais baixo, tendo à sua frente uma ampla área asfaltada, que forma um largo com árvores de médio e grande porte, garantindo um bom sombreamento (f.01, 02, 07 e 19).

A servidão interna da propriedade continua numa linha reta, margeada, à direita, pela casa-sede e, à esquerda, por uma murada de pedra recoberta por vegetação trepadeira. Esta murada pode ter sido aquela dos antigos terreiros de café, observando-se nela pontos de captação de água (f.04 e 05). Delimita uma ampla área que, apesar de contar com algumas árvores nos extremos, como jabuticabeiras, serve basicamente para o plantio de capim para o gado leiteiro.

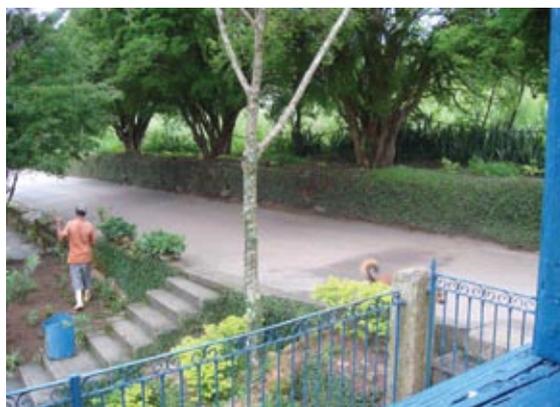
Aos fundos da casa-sede fica uma parte das tulhas (f.08 e 33), além de outras construções de pequeno porte que servem como apoio (paióis, garagem), bem como uma casa unifamiliar, construída nas últimas décadas.



04



05



06



07



09

A casa-sede está resolvida, em planta baixa, num bloco em “U”, configurando, devido à extensão da aba inferior, uma certa dominância horizontal na fachada principal. Por estar situada num declive, a casa apresenta altura de sobrado, tendo, na parte térrea, um porão utilizado para garagem e depósito. O ritmo e a simetria ditados pelas aberturas dos vãos com vergas retas de sua fachada principal, marcam sua arquitetura rural de tênue inspiração neoclássica.

O embasamento é composto por muro de contenção em pedra seca de mão, apresentando arcabouço estruturado em madeira e consubstanciado por pilares, frechais, madres, barrotes e contrabarrotes. No pavimento superior do bloco principal os fechamentos de paredes são em pau-a-pique, enquanto que o bloco esquerdo apresenta sistema construtivo contemporâneo, com alvenaria de tijolo de barro e trama estrutural em concreto armado.

A cobertura parece ainda possuir, na parte central, a trama estrutural original – tesouras, cumeeiras e terças – bem como caibros e ripas de coqueiro, além de forros de madeira, do tipo saia e camisa e assoalhos de madeira, em junta cega com encaixe macho e fêmea (f.24, 25, 27 e 30). Telhas francesas recobrem o bloco lateral esquerdo (f.14).

Uma cimalha de madeira percorre a fachada frontal e todo o perímetro do bloco direito. Mantém serviço de carpintaria bem trabalhado, com uma aba lisa na base, além de frisos com dentículos, sendo pintada na cor branca (f.14 e 20). No trecho da fachada lateral esquerda, a cimalha foi substituída por outra, de linhas mais simples (f.18).

O bloco acrescido na lateral esquerda apresenta piso frio e as telhas, parte em madeira, junta cega (f.12) com trechos em terra, onde foi retirado o tabuado.

Na fachada principal, a porta de acesso, excêntrica ao eixo de simetria da composição, tem a ladeá-la sete janelas pela direita e duas pela esquerda. Chega-se a ela por uma varanda descoberta, cujo patamar – ocupando quase a metade da extensão da casa – é sustentado por um muro guarnecido por gradil em ferro fundido, pintado de azul, mantendo duas escadas, uma na lateral direita e outra fronteira à portada.



19



20



21



22



23

Os vãos mantêm vergas retas em todo perímetro da casa. A porta de acesso frontal apresenta cercaduras e esquadrias de abrir externas em veneziana e caixilhos de vidro pintadas na cor azul (f.21), mantendo, na parte interna, folhas cegas de abrir, com detalhes de canto nas almofadas em leque, pintadas de azul na face voltada para fora e, internamente, de creme (f.24).

Nas portas internas, cercaduras e bandeiras na cor branca (f.24 e 27), alguns modelos apresentando folhas cegas com calha central e, outros, folhas almofadadas, com detalhes em leque nas extremidades.

As janelas da fachada principal possuem cercaduras externas em azul, sendo vedadas por esquadrias com folhas cegas de abrir, almofadas e com detalhes em leque (f. 31), pintadas na cor azul para o exterior e branco para o interior (f.28 e 29). Guilhotinas na cor branca guarnecem-nas externamente (f.20 e 21).

A ala lateral esquerda da casa-sede fica ao rés do chão. Nota-se que sofreu, neste ponto, uma supressão de sua volumetria original, sendo bem visível o ponto de corte na cobertura (f.18). Atualmente este espaço abriga o bloco de serviços composto por cozinha, sala de refeições e despensa, construído com materiais construtivos de linha contemporânea, que destoa da parte primitiva no que se refere também ao menor gabarito, além da arquitetura comezinha.

Aos fundos desta lateral, fica um bloco antigo, que se assemelha a uma tulha. Aparenta ser um remanescente da casa-sede, por estar no mesmo alinhamento e com a mesma altura de linha de cumeeira do bloco original. Tendo como referência o intercolúnio dos pilares de madeira de sustentação, percebe-se que esta modulação é recorrente até atingir o bloco original da casa-sede. Segundo informações de um dos herdeiros (Sr. Celso), este bloco era mais longo, estendendo-se até aos fundos (f.08).

O bloco da lateral esquerda é parte integrante do bloco histórico, mas, teve substituída a cobertura de telhas capa e canal por francesas. Observado por fora, aparenta ter possuído um prolongamento, pois a cimalha apresenta um talho de cada lado (cerca de 0,5m para dentro das extremidades). Porém, a parede dos fundos é de pau-a-pique e não apresenta indícios de ter tido alguma abertura para portas.

Entre os blocos laterais da casa forma-se uma espécie de pátio, com dois pavimentos, em virtude de estar ao nível do porão e do acesso frontal. Nele há uma horta e uma pequena ceva de animais (f.14, 15, 17 e 32).

Percebe-se, analisando sua planta, que os espaços internos sofreram modificações, com paredes suprimidas e acrescidas. Cronologicamente é possível fazer sua leitura. A mais visível foi a do fechamento do antigo salão de festas, que era formado pela circulação, escritório e os quartos E2, E3, perceptível pelo desenho do forro, que ultrapassa os limites das paredes (f.27).

A entrada principal também ficava em outro lugar, mais precisamente no quarto E1. O talho feito no umbral da antiga janela para estendê-lo até o piso e transformá-lo em porta é visível, bem como o serviço para colocar um peitoril em sua posição original do antigo acesso. Nota-se também que na sua posição original ainda existe um patamar e, diferentemente do acesso atual em cimento, ele é todo em pedra (f.21 e 22). Supõe-se, assim, que a entrada primitiva foi aterrada em parte ao ser feito o patamar atual. Originalmente era uma escadaria colada à casa, com acesso apenas pela lateral direita.

Quanto à possibilidade do bloco esquerdo ligar a tulha aos fundos, formando um único e longo corpo, possivelmente ele teve um grande espaço aberto em quase toda extensão, servindo como uma varanda. Ladeando-o ficavam os quartos sociais, seguidos pelos quartos de empregados e os ambientes de serviços, como a cozinha. Esta disposição também foi encontrada em fazendas da região – levantadas neste projeto – como a Bananal (distante cerca de 6km) e a Santa Maria do Bonsucesso (distante cerca de 8km).



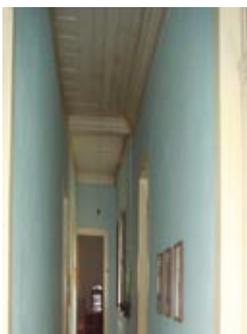
24



25



26



27



28



29



30



31



32



33



34



35

O prédio não apresenta danos visíveis que comprometam sua integridade estrutural. Foi percebido apenas um recalque em um barroto, o que causou o desnivelamento do assoalho em certo trecho da casa (f.13).

Não foi notada a presença de trincas.

A pintura externa é feita com tinta à base de PVA, na cor amarela, tanto na parte histórica quanto nos acréscimos (f.14, 15 e 19). Internamente foi usada a mesma pintura, porém com cores diferentes em determinados cômodos (f.11).

As instalações elétricas são aparentes, sem proteção de condutos.

As esquadrias apresentam-se em bom estado de conservação, todas com as guarnições completas. A pintura está bem conservada, notando-se apenas pequenos pontos de degradação da madeira nas janelas, geralmente no peitoril e na parte baixa dos umbrais, ocasionado pelo acúmulo de água de chuva.

Há assoalho em madeira, com encaixe junta cega, na maioria dos compartimentos (f.27). Em alguns cômodos, como a sala principal, os quartos E2 e E3, o sistema de encaixe passa a ser do tipo macho e fêmea (f.30). Porém, todos estão em bom estado de conservação.

Os forros em madeira apresentam sistema de encaixe macho e fêmea (f.29). Na sala principal e nos ambientes que englobam a circulação, o escritório e os quartos E2, E3, possuem desenho mais elaborado (f.27 e 34). Aparentam estar em bom estado de conservação, notando-se apenas pequenos danos nas extremidades, junto às paredes atingidas por umidade (f.11).

As fundações mantêm muro em pedra seca de mão, margeando o perímetro da lateral direita, servindo para contenção do desnível do terreno e como estrutura de base do prédio. Utilizado também como sustentação dos barrotes no centro do porão (f.13) e nos panos de alvenaria externa ao nível do porão (f.35). Há pontos de umidade ascendente em alguns locais da base da alvenaria, causada pelos respingos do beiral (f.15 e 18). Na parte baixa (porão) do bloco acrescido, a estrutura é feita em concreto (f.17).

No bloco original as paredes são vedadas por alvenaria de pau-a-pique, com emboço de argamassa de terra e cal na parte frontal e na antiga tulha (f.16). No bloco acrescido (cozinha, sala refeições e despensa), as alvenarias são de tijolo furado com argamassa de cimento.

Não foi possível acessar a parte superior do forro para analisar a cobertura. Notou-se, entretanto, o precário fechamento em folhas de flandres, no ponto em que houve o corte do bloco primitivo (f.18). O telhado possui uma trama em treze águas (mais a da tulha em duas águas). O bloco principal conjuga telhas capa e canal, tradicional das fazendas de café, nas duas águas centrais (sobre os banheiros B1 e B2, o quarto E1 e E2 e, parte do quarto E3 e da circulação J). As telhas encontram-se tingidas pela pátina do envelhecimento. Deve ter ainda boa parte da trama original (f.19). Os blocos laterais direito e esquerdo são recobertos por telha francesa, em bom estado de conservação (f.14). Tudo indica que haja goteiras, devido à presença de umidade no alto das paredes (f.11).

Pilares, vergas, madres, barrotes e contrabarrotes estão em bom estado de conservação, não tendo sido notado apodrecimento nem presença de umidade ou cupim. Apenas um recalque num trecho de um barroto (f.13). O frechal da parede de fundos do bloco direito encontra-se flambado (f.14).

O assoalho do bloco principal é em madeira nos sistemas de junta cega e macho e fêmea, estando em bom estado (f.25, 27, 28 e 30). No bloco lateral direito há laje de concreto e, no bloco da tulha, uma parte ainda possui piso em madeira, porém, em mau estado (f.12).

O forro, em saia e camisa, apresenta alguns locais deteriorados, próximo às paredes, devido à umidade descendente (f.20 e 28).



10



11



12



13



14



15



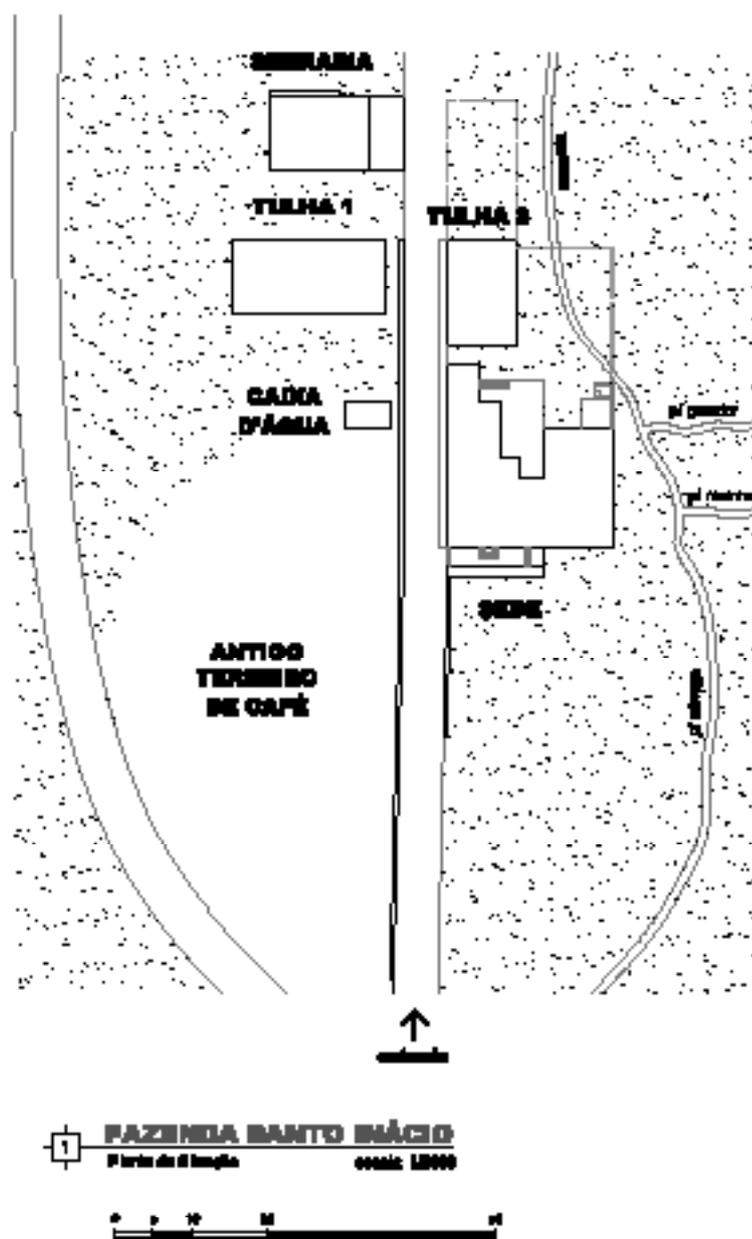
16



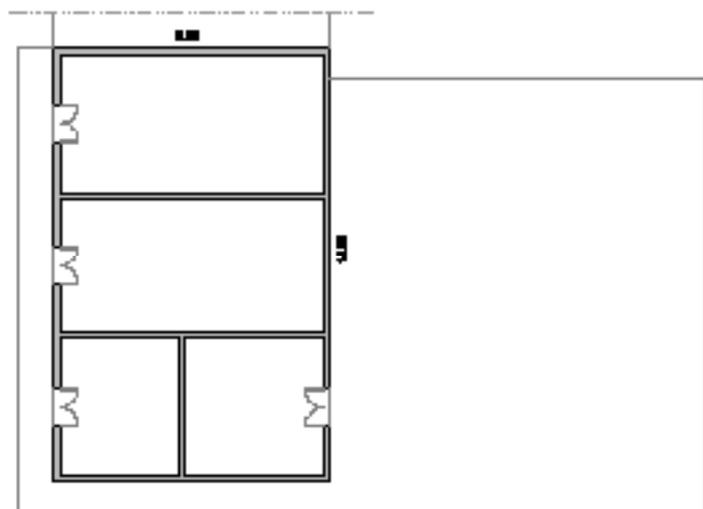
17



18



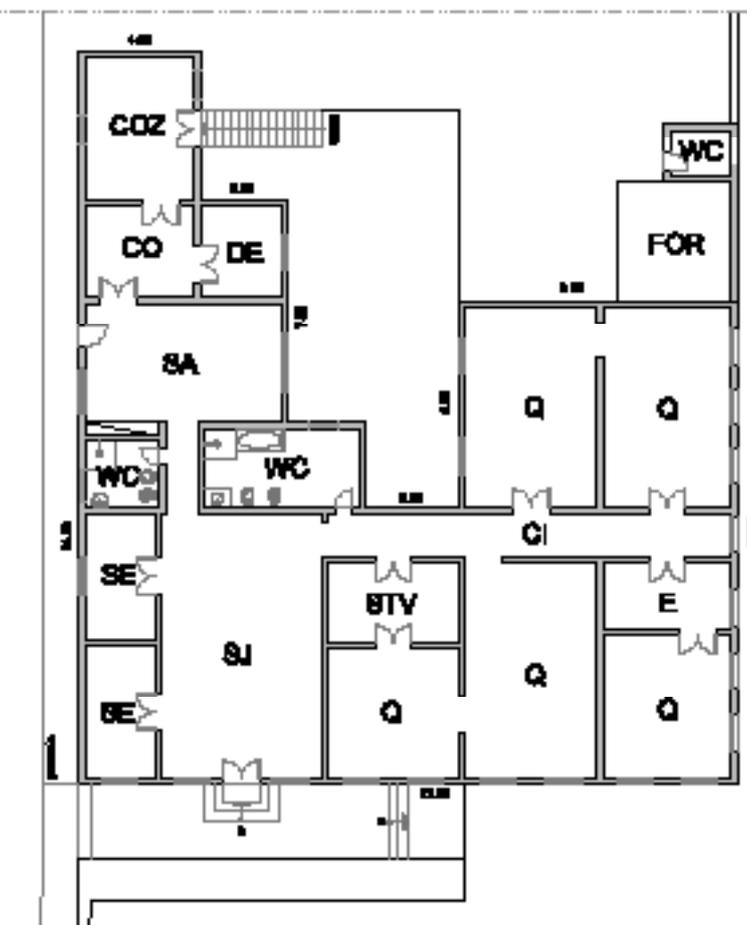
1 FAZENDA SANTO INÁCIO
 F. de S. Inácio escala: 1:2000



2
Planta do 2º andar da Fazenda São João
escala 1:1000

Observações:

1. A área ocupada hoje pelo edifício da fazenda corresponde à antiga sala de visitas.
2. As duas salas, incluindo a sala da fazenda, são utilizadas como sala de jantar.
3. A sala de estar de 60 metros quadrados é utilizada como sala de jantar.
4. A escadaria original de madeira foi substituída por escadaria de ferro com corrimão de ferro.
5. A escadaria superior foi substituída por escadaria de ferro com corrimão de ferro, substituindo a antiga escadaria de madeira.



1
FAZENDA SANTO INÁCIO
Planta do 1º andar da fazenda
escala 1:1000



CI - sala de visitas DC - despensa Q - quarto SJ - sala de jantar VA - varanda
COZ - cozinha FOR - fornalha SE - sala de estar BTV - sala de tv WC - banheiro

— alvenaria existente

A Fazenda Santo Ignácio teve origem em parte da sesmaria concedida, em 1804, a Manoel Pereira Lemos e a José Joaquim de Brito. As terras foram adquiridas através de compra e troca por Antônio Vieira Machado de João de Sá Barbosa e Thomas Cardoso Netto, desmembradas da sesmaria da Paciência. A esta fazenda Antônio deu o nome de “Santo Antônio da Paciência”.

Antônio fundou a fazenda por volta de 1830, quando construiu a sede, engenhos de pilões, paióis, senzalas, tulhas etc. Passados dez anos, vendeu-a ao casal Ignácio Pinheiro de Souza Werneck e Francisca Luiza de Jesus (filha do primeiro Barão de Palmeiras), que mudaram o nome da fazenda para “Santo Ignácio”.

Com os Werneck, a fazenda prosperou e tornou-se uma das mais importantes da antiga Freguesia de Santa Tereza de Valença, atual Rio das Flores. Em 1877, faleceu Ignácio, deixando a fazenda para a viúva. O casal não teve filhos. Seu inventário *post mortem* nos revela uma fazenda modesta nas instalações, porém, bem desenvolvida na produção. O cafezal da fazenda era formado por 200 mil pés de café, trabalhados por 153 cativos.

A proprietária, D. Francisca Luiza de Jesus, faleceu em 1882 e deixou a fazenda em testamento para D. Francisca Pinheiro Dantas, filha de Joaquim Pinheiro de Souza. Em 1920, seu proprietário era Vicente Ferreira Sucena, tendo adquirido-a por compra. Após seu falecimento, esta propriedade coube a seu filho Ary César Sucena que, após alguns anos, vendeu ao Dr. Luiz Henrique Pinto a sede com uma parte das terras e 40 alqueires a Henrique Conceição, bem como uma ainda menor parte a Antônio Senra de Carvalho.

Posteriormente, o médico e ex-deputado Dr. Luiz de Almeida Pinto adquiriu de Henrique seus 40 alqueires, anexando-os à fazenda. Com o falecimento do Dr. Luiz Pinto, coube a propriedade à sua esposa, D. Odette, que, após alguns anos, vendeu-a ao Sr. Inimá César Valle, cujos herdeiros são os atuais proprietários.

